

O Mundial de Futebol, eleições e economia

*MARCELO DE PAIVA ABREU**

A Copa do Mundo vem acompanhada de ingredientes incômodos, especialmente para quem acompanha futebol desde os tempos em que o Brasil perseguia a sua primeira Copa em clima de "Maracanazo" (1950) e Batalha de Berna (1954). Entre esses incômodos merecem destaque reminiscências históricas imprecisas e, mais ainda, modismos pseudocientíficos, em geral no bojo de vulgares tentativas de exploração "mercadológica".

A passagem do tempo contribui para enevoar os fatos. E, no entanto, se a história dos 80 anos de Copa do Mundo for dividida em dois períodos de 40 anos, o Brasil terá de ser campeão na África do Sul para superar modestamente o seu desempenho no período 1930-1970 (com base na conquista dos quatro primeiros lugares).

Na categoria das mutilações históricas: Lúcio, da Internazionale, de Milão, que merece respeito como jogador, foi apresentado de forma espalhafatosa como candidato a ser o primeiro zagueiro brasileiro a jogar todos os jogos do Brasil em três copas. Conjectura baseada na sua participação na Copa de 2010, em seguida às de 2002 e 2006. Para os que apreciam a precisão, haveria necessidade de discutir o que se quer dizer com a palavra "zagueiro". Por boa parte do período anterior a 1958, predominou o sistema tático de inspiração inglesa batizado WM, com três beques ou zagueiros. A inovação brasileira com o 4-2-4 na década de 1950 implicou o recuo de um meio-campista para a linha de zagueiros - o quarto zagueiro, um dos beques centrais que hoje são designados zagueiros, em contraste com os laterais. Nilton Santos, o "enciclopedista tropical", participou de quatro copas - três como titular -, jogou em todos os jogos do Brasil em 1954, 1958 e 1962. Fez gol, foi expulso e fez memorável pênalti não marcado. Jogou como lateral esquerdo e depois como quarto zagueiro. Pela nomenclatura antiga ou pela nova, foi o primeiro zagueiro brasileiro que jogou todos os jogos de três copas. Tomara que Lúcio iguale a marca.

Mais irritantes do que as imprecisões históricas são as tentativas, meio jocosamente científicas, de análise das relações entre economia e futebol e, especificamente, de previsões de resultados. Instituições financeiras, em geral bancos de investimento - Goldman Sachs, UBS, JP Morgan -, se dedicam a essa atividade. Suas previsões para 2010 indicam Brasil e Inglaterra como os prováveis campeões. A Goldman Sachs apenas lista os semifinalistas: Brasil, Argentina, Inglaterra e Espanha, embora atribua maior probabilidade ao sucesso do Brasil. Jim O'Neill, criador do acrônimo Bric, um dos mais bem-sucedidos factoides perpetrados nos últimos tempos, assina a seção crucial do relatório da Goldman Sachs sobre a Copa e a economia. Os resultados dependem, de forma não explicitada, dos dados da Fifa quanto ao desempenho dos diferentes países, de cotações em casas de apostas e também de índices GES (Growth

Environment Scores), que medem desde níveis de corrupção até a difusão de celulares. Depois de constatar que não há relação nem entre o ranking da Fifa e Produto Nacional Bruto (PNB) per capita nem entre posição no ranking e o nível de GES, o melhor resultado empírico obtido é uma tênue relação entre ganhos de GES e melhora no ranking da Fifa pós-2006.

A evidência indica que a relação causal entre comportamento da economia e desempenho futebolístico, se existe, é fraca. É interessante que a análise da relação causal inversa - ou seja, de que forma resultados futebolísticos podem afetar a economia - não tenha merecido a atenção dos analistas. Mas é uma conjectura razoável supor que resultados na Copa do Mundo possam ter, via implicações políticas, significativa importância no desempenho econômico de um país. Diferentes resultados, diferentes eleitos, diferentes políticas, diferentes desempenhos econômicos. No caso do Brasil, dados a sua sólida tradição futebolística e o interesse nacional pelo esporte, a conjectura torna-se ainda mais plausível. E mais ainda se, como é o caso desde 1990, há coincidência entre datas de eleições presidenciais e de Copas do Mundo.

Há registro de que a crença de que poderia haver relação estreita entre sucesso futebolístico e resultados eleitorais estaria influenciando torcedores temerosos de que a euforia, na esteira do hexa, seja combustível para exploração indevida, especialmente pelo presidente da República, dada a sua propensão a desrespeitar a legislação eleitoral.

Que evidência há para justificar a relação entre resultados na Copa do Mundo e resultados eleitorais? Praticamente nenhuma. Nos casos de sucesso, a evidência é mista. Em 1958 e 1962, o PSD de Juscelino Kubitschek e o PTB de Jango perderam participação nos votos para deputados. Em 1970 as eleições não foram livres. Em 1994 houve vitória da "situação". Em 2002, vitória da oposição. Nos casos de fracasso em sagrar-se campeão houve quase sempre vitória da situação, mas no Brasil republicano vitórias da oposição foram raras: só de Jânio, Collor e Lula.

Não parece leviano pensar que podemos torcer em paz, sem grandes temores quanto a desdobramentos eleitorais.

*Doutor em economia pela Universidade de Cambridge, é professor titular no Departamento de Economia da PUC-Rio.